

# Opinião



Ivo Afonso  
arquiteto  
[www.inoutside.pt](http://www.inoutside.pt)

## Luz: matéria ou percepção

Quando se reflete sobre luz, vêm-nos de imediato imagens e sensações de dias solarengos, calor mas também de espaço. Focamo-nos, frequentemente, na luz natural porque é essa que, de imediato, nos ocorre.

Desde tempos imemoriais que o Homem sente necessidade de controlar a luz. Da natural inexistência de luz surge a necessidade humana de a criar. Inicialmente através do fogo. Porquê esta necessidade? Para aumentar a produtividade, dilatando o tempo útil de trabalho, para assegurar a segurança ou apenas por receio do desconhecido, daquilo que lhe era visualmente vedado!

Justificar-se-á assim a disposição para modificar a noite num momento iluminado, através de processos artificiais iniciados com o uso do fogo até ao contemporâneo aperfeiçoar da lâmpada elétrica inventada por Thomas Edison, que foi assumindo formas e tecnologias várias. Existe, porém, uma real necessidade de transformar a noite em dia, ou será que se trata de uma exigência imposta por fatores meramente produtivos e economicistas que se enraizaram de tal forma que, recorrentemente, desrespeitamos os nossos ritmos circadianos?

Quando materializamos a luz na arquitetura, permitimo-nos a trabalhar com um objeto que, não sendo corpóreo, permite que o Homem estabeleça uma infinidade de interações com o espaço que se concretizam, muitas vezes, em estados emocionais mas também em percepções várias. Qualquer fonte luminosa assume-se como um fio condutor quer na percepção que temos de determinado espaço assim como na ambiência que caracteriza e integra o objeto arquitetónico.

Porém, é frequente optar-se pela iluminação do objeto arquitetónico de uma forma que mimetize a luz natural, inevitavelmente, desrespeitando o momento noturno. Inevitavelmente desrespeitando os ritmos circadianos que regulam os estados de vigília e de repouso e que, consequentemente, possibilitam a suspensão temporária da atividade perceptiva e sensorial de qualquer ser.

Opta-se, muitas vezes, por uma iluminação quantitativa em detrimento daquela que respeita o ciclo diário e, consequentemente, desrespeitando-se as necessidades daqueles que habitam o espaço, quando, de facto, deveríamos optar por uma iluminação qualitativa, que enfatize determinados apontamentos que nos assegurem o bem-estar e que respeitem os naturais ciclos temporais, evitando-se a criação de um *pastiche* do período diurno.

A iluminação, portanto, deve, pelo seu *design* e tipo de materiais utilizados, enaltecer a qualidade do objeto arquitetónico, recriar o espaço onde esse objeto se insere mas respeitando, sempre, os naturais ciclos diários: a noite e o dia.